

ROCK

BRASÍLIA

Sucesso de um movimento que vem agitando a cidade

IRLAM ROCHA LIMA
Da Editoria de Cultura

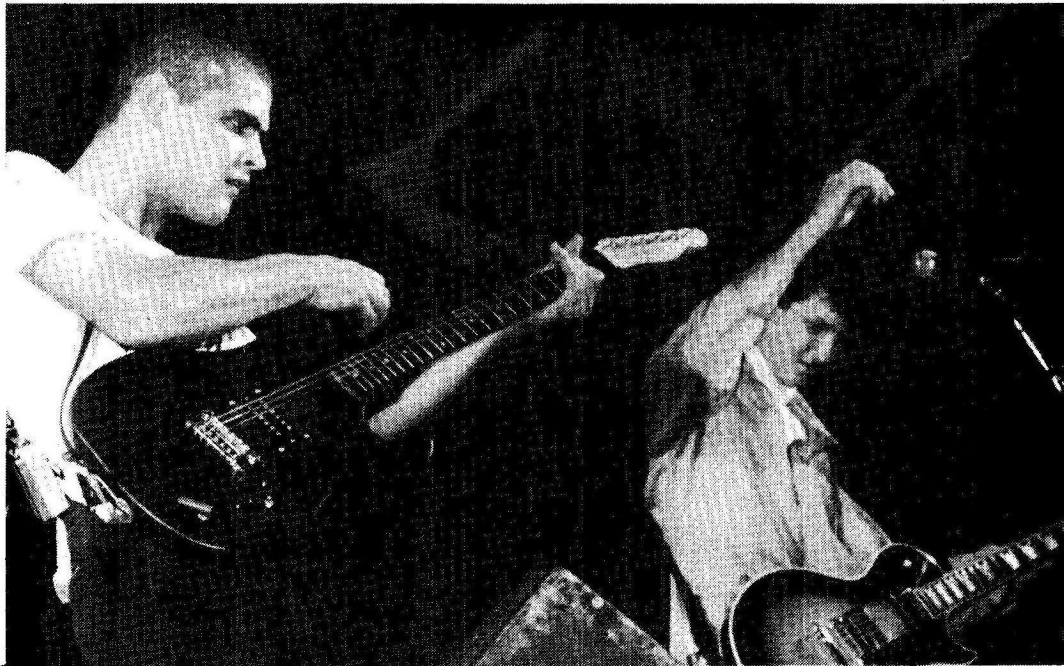
Santo de casa não faz milagre. Pois não é que o velho e popular adágio está sendo desmoralizado pelos roqueiros brasilienses! De uns tempos para cá, nada faz mais sucesso na Capital Federal do que os grupos de rock daqui.

Essa onda pode ter começado com o Paralamas do Sucesso e Legião Urbana, primeiras bandas saídas de Brasília a estourar nacionalmente, com discos elogiadíssimos pela crítica. Mas, atualmente, qualquer conjunto recém-formado numa das quadras do Plano Piloto, no Lago Sul ou em alguma das satélites, consegue reunir grandes platéias para assistir a seus shows.

A importância do rock no contexto artístico-cultural do Distrito Federal se faz sentir, se manifesta das mais variadas formas. Exemplos: dia desses, o governador José Aparecido recebeu em seu gabinete, em audiência, e conversou demoradamente com punks, darks, new waves e quetals, integrantes de grupos de rock, que foram ali lhe fazer uma série de reivindicações. Na semana passada, na abertura do seminário O Museu, a Biblioteca da Cidade, promovido pela Secretaria de Cultura, a titular do órgão, Vera Pinheiro, em meio à sua fala, citou a expressão O concreto já rachou, sem esquecer de citar a fonte — a banda Plebe Rude. A Sala Funarte, tradicional reduto da chamada MPB, na semana que passou, escancarou suas portas para o rock e de uma só vez abrigou na galeria Oswaldo Goeldi a exposição de fotografia Rock Brasiliensis (uma das mais visitadas desde a inauguração daquele espaço) e promoveu Nas Asas do Rock, uma semana de shows com várias bandas locais.

Mas, se fixando mais na área dos shows e tomando como referência o que vem acontecendo de três meses para cá, chega-se à conclusão que raro é o concerto em que não haja a presença de grandes públicos. Mais de 25 mil pessoas foram à praça do Congresso Nacional, dia 20 de abril, assistir à apresentação do Mel, Detrito Federal, Capital Inicial e Plebe Rude. Dia 31 de maio, 3 mil pessoas superlotaram a dançeteria do Clube do

LUIZ MARQUES



Plebe Rude se apresentou no Circus Show

Congresso para ver/ouvir o Escola de Escândalo, junto com o grupo paulistano Ira, que acabou recebendo bem menos atenção do que a banda brasiliense. Desde que foi reiniciada, a Feira de Música tem provocado congestionamento no Teatro Galpão. Nunca é inferior a 2 mil pessoas, o número de espectadores dos concertos de rua que a Assessoria para Assuntos de Comunidade, da Fundação Cultural, vem promovendo em diferentes locais do Plano Piloto (Parque da Cidade, Torre de TV, 312 Norte) e nas cidades-satélites, aos domingos à tarde.

ROCK NA FUNARTE

De quinta-feira até ontem, a Funarte abrigou em sua sala de espetáculos a série Nas Asas do Rock, que reuniu grupos representativos das mais diversas tendências do movimento roqueiro brasiliense: Liberdade Condicional, Atentado ao Normal, Detrito Federal, Padrão Social, Beta Pictoris, Clínica Geral, Fusão e DC-10.

Foram shows de piques diferenciados, que serviram para mostrar a quantas anda o rock Brasília. Talvez, mais importante que a preocupação de cada conjunto em mostrar um trabalho de bom nível profissional, foi a presença maciça do público ao evento. E quem foi à Fu-

narte saiu recompensado. E certo que bandas de maior experiência como o Liberdade Condicional, Detrito Federal, Beta Pictoris e Rock Fusão exibiram melhor performance. Porém, nenhuma das oito que se apresentaram, deixou de ter uma acolhida calorosa do público. Um público que, por exemplo, entrou no clima proposto por Cascão (o líder do Detrito), ao transformar o show do seu grupo num misto de circo romano e programa do Chacrinha.

Certamente os puristas iriam considerar aquilo um ato profano contra o sagrado templo da MPB. Mas para William Mathias, gaúcho que chegou recentemente a Brasília, para estudar na UnB o rock é uma coisa tão avassaladora que não vê nenhum obstáculo intransponível à sua frente, tendendo a ocupar todos os espaços.

Bernardo, vocalista do Escola de Escândalo, concorda com Mathias, mas acredita que um local como a Sala Funarte exige outra postura do artista, do roqueiro: Aqui as pessoas tendem a ter uma atitude mais comportada, na medida em que ficam sentadas para assistir aos shows. Então, elas formam uma platéia mais observadora e consequentemente mais exigente.

Já o produtor de discos Isnado Lacerda, o Isnado do Sebo do

Disco, prefere ver a Funarte como um lugar em que devido à proximidade entre o palco e a platéia, acaba estabelecendo uma relação bem mais direta entre as partes. Não é por outra coisa que o Finis Africae preferiu escolher esta sala para fazer o show de lançamento do seu disco, observa.

Vibrando com a boa recepção que seu grupo, o Atentado ao Normal, acabara de ter, o baixista/vocalista Guilherme Valadares dizia estar profundamente emocionado pelo que acabara de presenciar: A sala chela para ver dois grupos de Brasília que ainda não gravaram disco. Isso é demais!

Levado à Funarte pelo filho Frederico, de 12 anos, o diplomata Wamberto Hudson, mesmo sem demonstrar maior entusiasmo pelo que acabara de ouvir (o Fred, porém curtiu tudo), elogiava a preocupação social contida na letra da maioria das músicas desses jovens. Eles estão se posicionando com bastante clareza, em relação ao momento em que vivem. Portanto, eu vejo o que eles fazem mais como um movimento de liberação, do que mesmo um movimento musical.

LOTANDO O CIRCO

Uma prova incontestável da força do Rock Brasília foi no úl-

timo fim de semana. O Circus Show, por onde já passaram estrelas de primeira grandeza do showblzz nacional, como Gal Costa, Alceu Valença, Fagner, recebeu um público maior, do que o presente nos shows dos três, para assistir, sábado, à apresentação da Plebe Rude.

Sem conseguir esconder o entusiasmo pela acolhida que a Plebe acabara de receber o baterista Gutje afirmava que isso era uma coisa que eles sempre buscaram. Antes, o pessoal de Brasília fazia restrições a nós. Mas agora tudo mudou, talvez por a gente ter música tocando nas rádios. O certo, porém, é que essa loucura que se presenciou faz um bem danado.

Philippe Seabra, guitarrista/vocalista do grupo era só vibração: A gente tem tocado para platéias de 4 mil pessoas, em média, de Novo Hamburgo a Salvador. Mas se apresentar para esse público aqui em Brasília é tudo que a gente sonhava, desde que há cinco anos formamos a Plebe. Já o baixista André X elogiava a disposição dos jovens empresários Helder e Waldemar Cunha em dar a Brasília um espaço como o Circus Show, que é um espaço ideal para concertos do rock, propício para a manifestação da massa.

Presente ao show, o baixista Bi Ribeiro, do Paralamas do Sucesso, endossava as palavras de André e se dizia feliz em ver o brasiliense prestigiando o trabalho dos grupos locais, trabalhos de qualidade, como o que a Plebe mostrou.

Fernanda Vieira, 19 anos, estudante, suada de tanto dançar durante o show, falava de sua admiração pelos grupos brasilienses. Pessoas de sua faixa etária, porém, era minoria no Circus, onde predominava a garotada de 12 a 17 anos. Leonardo Buzzi e Lucas Falcão (ambos de 12 anos), falando quase que a o mesmo tempo, proclamavam-se admiradores de todas as bandas da cidade, fazendo questão de mostrar conhecimento ao citar várias delas que ainda não chegaram ao disco, como Escola de Escândalo, Arte no Escuro, Detrito Federal, Liberdade Condicional e 5 Generais.

Se depender, portanto, da novíssima geração, o Rock Brasília continuará sua escalada de sucesso, lotando teatros, dançeterias, circos e praças. Quem viver verá.